
**AS FONTES DOCUMENTAIS DO LIVRO
DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO 5º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

ELLEN RISIA DE SIQUEIRA FREITAS Pedagoga pela universidade estadual de Goiás - UEG 2015-2018. Mestre em Educação - PPGIELT - UEG 2021-2023. E-mail: risia.ellen@gmail.com

AS FONTES DOCUMENTAIS DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

THE DOCUMENTAL SOURCES OF THE HISTORY BOOK OF THE 5TH YEAR OF ELEMENTARY EDUCATION

ELLEN RISIA DE SIQUEIRA FREITAS

RESUMO

O objetivo do presente artigo é analisar as fontes documentais existentes no livro didático de História do 5º ano da Coleção Ligados.com, bem como no contexto educacional brasileiro. Explicar o papel das diferentes fontes documentais no Livro Didático de História para o ensino de História. E, por conseguinte, identificar os tipos de fontes documentais existentes no livro didático referenciado. O trabalho centra-se em uma pesquisa de caráter qualitativo e de natureza analítico-descritiva que teve como base um referencial bibliográfico a respeito da temática proposta. Percebeu-se, mesmo que ainda de maneira concisa e superficial, a forma com que o livro didático aborda determinadas temáticas, sendo estas as influências diretas no processo de aprendizagem dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático; Fontes documentais; História.

ABSTRACT

The objective of the present article is to analyze the existing documentary sources in the 5th grade History textbook of the Linked.com Collection, as well as in the Brazilian educational context. To explain the role of the different documental sources in the History Textbook for History teaching. And, consequently, to identify the types of documentary sources existing in the referenced textbook. The work is centered on a qualitative and analytical-descriptive research that was based on a bibliographical referential about the proposed theme. It was noticed, even if still in a concise and superficial way, the way in which the textbook approaches certain themes, being these the direct influences in the learning process of the student.

Keywords: Textbook; Documentary sources; History.

INTRODUÇÃO

O livro didático é uma ferramenta de trabalho presente nas salas de aula e de caráter pedagógico que porta o saber. Nele há concepções de variáveis significados e culturas, retratando a história de diversos povos, seus costumes, suas crenças, suas representações sociais, dentre outros. Nesse sentido, a forma com que o livro didático aborda determinadas temáticas, assim como a maneira pela qual o professor realiza o processo de mediação dos conhecimentos e dos respectivos dados influenciam diretamente – porém, não de maneira passiva – na formação da personalidade de seus alunos.

Assim, ao utilizar o livro didático como fonte para investigação, a proposta central desta pesquisa visa compreender – a partir de uma análise documental – como determinados temas são apresentados, considerando sua autoria, o contexto histórico e o ambiente de produção em que se vinculam as ideologias e concepções que permeiam seus discursos, assim como o direcionamento dos livros e sua utilização. Ou seja, ao escolher o livro didático como fonte fundamental de pesquisa, intenta-se compreendê-lo não apenas como mero material informativo, mas sim enquanto objeto cultural, desenvolvido a partir de diferentes interesses e vínculos institucionais, caracterizando relações de poder e saber, isto é, disputas políticas relacionadas à transmissão de saberes ainda nas fases iniciais de aprendizagem.

Diante do exposto, delimita-se, assim, o tema a partir da análise documental de livros didáticos de História – da Coleção *Ligados.com* – que são utilizados no 5º ano do ensino fundamental na rede pública municipal de ensino de Anápolis-GO, com o objetivo de analisar as fontes documentais existentes no livro didático de História do 5º ano, bem como no contexto educacional brasileiro. Explicar o papel das diferentes fontes documentais no Livro Didático de História para o ensino de História. E, por conseguinte, identificar os tipos de fontes documentais existentes no livro didático referenciado.

METODOLOGIA

A pesquisa de caráter qualitativo, baseando na definição de Minayo (2001) para a qual a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, pois se preocupa com um nível

de realidade que não pode ser quantificado. Tal método trabalha com o universo de significados, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Pretende-se coletar e analisar dados a partir dos documentos que o livro didático de história aborda em seus conteúdos. O livro escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa foi um exemplar da coleção *Ligados.com*, autorias de Alexandre Alves, Letícia Fagundes de Oliveira e Regina Nogueira Borella (1ª edição, 2014) do quinto ano do ensino fundamental.

OS LIVROS DIDÁTICOS

Munakata (2016) diz que o livro didático é o portador dos saberes escolares, um dos componentes explícitos da cultura escolar, sendo, portanto, a transcrição do que é ensinado, ou que deveria ser ensinado, em cada momento da história da escolarização. “No Ocidente, até o século 19, o ensino elementar [...] limitava-se basicamente a ensinar a ler, a escrever, a contar e a rezar, para o que bastavam os livros de catequese, e, na França, depois da Revolução, a catequese revolucionária” (MUNAKATA, 2016, p. 123).

Isso revela que o livro didático não é apenas o um lugar de se depositar conteúdos, mas também de revelar os métodos de ensino, uma espécie de manual que norteia qual “caminho” o professor precisa percorrer em toda a dimensão da cultura escolar. As cartilhas, nesse caso, são exemplos de métodos, não são feitas pensadas nos conteúdos, mas sim na forma como o professor vai fazer para que os alunos aprendam a ler, se alfabetizem. No entanto, isso não significa que os livros didáticos – que apresentam conteúdos formativos –, sejam “neutros”, isto é, que não apresentem valores ideológicos, religiosos, políticos, morais, cívicos, de gênero, de etnia etc., pois toda forma de ensinar/aprender possui um direcionamento e uma perspectiva que direcionam tal prática.

A MATERIALIDADE DO LIVRO DIDÁTICO

A partir do supracitado, entende-se a afirmação de Munakata (1997) quando este diz que a materialidade do livro didático é aproximá-lo como mercadoria, um objeto cultural para

fins escolares. E isso implica na diversidade de relações como mercadoria, porque um livro carrega as marcas essenciais para o lucro via indústria cultural e a partir da lógica mercantilista da sociedade capitalista. Em outros termos, a produção de qualquer livro visa o lucro e é estabilizado de acordo com os procedimentos da indústria cultural. Logo, é preciso não perder de vista que onde há lucro e, portanto, há a acumulação do capital, há também trabalhadores, cujas atividades têm por objetivo produzir uma mercadoria que possa vir a ser consumida em larga escala. Mas, por isso mesmo, essa produção deve atender as demandas e expectativas do mercado que, no caso do livro didático, inclui questões educacionais reprodutoras do capital, e para isso é preciso que autores, editores textuais, editores de arte, redatores etc. desempenhe bem as suas funções; não podendo, entretanto, deixar de ter preocupações a respeito da política educacional brasileira no que se refere ao conteúdo de ensino do qual o livro didático é portador.

Partindo disso, no âmbito do livro didático, alguns pesquisadores como Munakata (1997), Araújo Neto (2006), discutem sobre a “materialidade”, que é conhecer o processo de produção e consumo de livros no interior de seus elementos e no processo de produção onde há diversas modalidades de trabalho para que o livro – enquanto valor de uso e valor de troca – passe a existir. Essas tarefas são executadas por diversos trabalhadores, cada um com uma determinada função. O trabalho é dividido entre vários funcionários, mas cada um com suas especializações, sendo eles, editores, revisores, paginadores, artes-finalistas, impressores, encadernadores, livrarias, vendedores etc.

Segundo Munakata (2012), a circulação do livro didático no Brasil é uma operação mercadológica complexa. Ele traz o seguinte exemplo:

A logística envolvida para que os 160 milhões de exemplares, adquiridos pelo Programa Nacional de Livro Didático (PNLD), cheguem simultaneamente no início do ano letivo em todos os recantos do território brasileiro, na sociedade atual, capitalista, todo esse processo desemboca num produto, que é a mercadoria, não se pode abstrair do livro didático a determinação de que ele é, antes de tudo, produzido para o mercado (MUNAKATA, 2012 p.4).

Com esse exemplo, é possível notar que o livro didático é uma mercadoria destinada ao mercado escolar. E, assim sendo, ele precisa se adequar exclusivamente a esse mercado e

não aos seus alunos/consumidores, pois é a escola, a partir de um regimento educacional e pedagógico, que determina a escolha dos livros didáticos e os usos específicos destes.

Araújo Neto (2006) considera o livro em sua dimensão material, no qual se constituiu historicamente como um dos suportes mais usuais para diferentes tipos de textos, particularmente para as obras literárias, conferindo-lhes uma área específica. A ampliação da produção e da circulação dos livros contribuiu para ampliação das diversas formas de produção de sentidos em torno dos conteúdos guardados neste objeto. A materialidade do livro agrega valor aos estudos interpretativos servindo de esteio para outras modalidades de interpretações que avançam na compreensão das formas que o mercado se utiliza para “empacotar” e distribuir o fruto de um trabalho.

Munakata (2012) trata a questão do livro didático como uma política pública educacional que proporciona questões como a produção editorial para o mercado e a inserção na escola como dispositivo constitutivo do saber e da cultura escolar. Conforme suas palavras, o livro didático é feito de papel e tinta, e o que ali se imprime passa por edição e copidesque, sendo que, às vezes, os envolvidos na produção introduzem alterações no texto original para atender as expectativas de mercado. Em seguida, o livro vai para a revisão e preparação de texto que é organizado por páginas formando pequenos livretos que são costurados, colados ou encadernados para receber os procedimentos de acabamento da editora. Depois desse processo o livro fica pronto para ser distribuído.

No departamento da produção ocorrem diversos tipos de funções para que o livro fique pronto, e esses trabalhos, conforme antes mencionado, são realizados por trabalhadores com suas respectivas especialidades – editores, revisores, paginadores, impressores etc. – constituindo, assim, a lógica estrutural do modo capitalista, na qual o trabalho é dividido por setores e o objetivo final é a obtenção de lucro (MUNAKATA, 2012).

FONTES DOCUMENTAIS

Usar documentos históricos na sala de aula é uma orientação para o ensino de história, uma vez que é de grande importância para o ensino em sala de aula que requer do professor conhecer e distinguir algumas abordagens e tratamentos dados às fontes, pois exige-se que o

professor tenha a preocupação de recriar e reconstruir metodologias do saber histórico para situações de ensino e aprendizagem.

O PNC de História (1998) diz que os documentos são fundamentais no trabalho de produção do conhecimento histórico. Mas, a noção que se tem de documento, as abordagens e os tratamentos que fundamentam a sua utilização têm sofrido transformações ao longo do tempo. De acordo com Schmidt e Cainelli (2004), o documento pode ser identificado como material usado para fins didáticos, como o livro didático, mapa histórico e filme com objetivos educacionais, sendo que a característica principal desse conjunto de material é sua finalidade didática preestabelecida desde sua produção. A valorização do documento como recurso de grande valia ao historiador foi um fenômeno do século XIX para XX. Para os historiadores dessa época, o documento escrito se converteu no fundamento do fato histórico, isto é, as palavras e a escrita eram entendidas como documentos, pois a escrita era sucedida por um fato histórico.

Segundo o PCN (1998), no século XX os documentos passaram a ser tudo o que é registrado por escrito, por meio de sons, gestos, imagens ou que deixou indícios dos modos de fazer, de viver e de pensar dos homens, incluindo as músicas, gravuras, mapas, gráficos, pinturas, esculturas, filmes, fotografias, lembranças, utensílios, ferramentas, festas, cerimônias, rituais, intervenções na paisagem, edificações etc. As fontes escritas passaram a serem variados, desde textos literários, poéticos e jornalísticos, anúncios, receitas médicas, diários, provérbios, registros paroquiais, até processos criminais e inquisitoriais etc. E, ainda de acordo com o PCN de História (1998), é revelado que os historiadores propõem algumas questões que podem orientar atividades com documentos na sala de aula, tendo em vista que um documento não fala por si mesmo, posto que ele precise ser interrogado a partir do problema estudado e construído na relação presente/passado.

Nesse sentido, para interrogar o documento é preciso fazer a escolha de um método, escolher procedimentos que orientem na observação, na identificação de ideias, temas e contextos, entre outros. É preciso definir critérios de escolha de documentos a serem utilizados em sala de aula, como material didático, considerando se ele é acessível à faixa de idade dos alunos e se é capaz de motivar interesse no tema em estudo.

Segundo Schmidt e Cainelli (2004), os livros didáticos eram utilizados como documentos escritos que conferiam a prova de realidade ao texto sobre o conteúdo estudado, justamente porque os documentos tinham a finalidade de comprovar a fala do professor. Assim, a forma de utilizar um documento em sala de aula teve modificações e tornou-se um método distinto para o professor estimular o conhecimento histórico e, ao mesmo tempo, para que o aluno busque em suas lembranças articulações com outras épocas e determinados acontecimentos. Logo, ao estimular em sala de aula o uso de mapas históricos, gravuras, filmes etc. que permitem refazer as imagens de momentos históricos passados, isso faz com que o aluno possa imaginar como eram outras épocas, seus hábitos e costumes, deixando as aulas mais atraentes e os alunos, de certa maneira, mais participativos (SCHMIDT; CAINELLI, 2004).

No entanto, uma nova concepção de documento histórico faz com que o professor deva repensar seu uso em sala de aula, até porque este é indispensável como fundamento da metodologia de ensinar, pois permite o diálogo do aluno com o passado, desenvolvendo assim o seu aprendizado. Vale frisar que o trabalho com documento histórico em sala de aula exige que o professor amplie sua concepção, já que com o uso de determinado documento não se deve ficar limitado a este, mas ir além do que está proposto, introduzindo também fontes orais, documentos iconográficos, fotografias e, por conseguinte, apresentar aos alunos suas utilidades técnicas, práticas e históricas.

É nessa perspectiva que Schmidt e Cainelli (2004) problematizam como utilizar o documento histórico em sala de aula, pois existem documentos com fontes primárias e secundárias. Para as autoras, é preciso ensinar aos alunos a identificarem o tipo de documento que está sendo trabalhado. Deixar claro que as fontes primárias são testemunhas do passado que caracterizam por ser de primeira mão, sendo elas: utensílios, roupas, ornamentos, armas, fontes escritas, documentos jurídicos, sentenças, testamentos, inventários, fontes visuais, pinturas, caricaturas, fotografias, gravuras, filmes, vídeos, fontes orais, entrevistas, gravações, programas de rádio, etc. Por sua variedade, as fontes primárias podem ser utilizadas de diferentes modos em sala de aula.

Já as fontes secundárias são registros que contém informações sobre os conteúdos históricos resultantes de uma ou mais elaborações realizadas por diferentes pessoas. As fontes

secundárias chegam por meio de pessoas que reconstróem o passado, em que as referências são diferentes testemunhos ou relatos. A própria explicação do professor é um exemplo de fonte secundária, tal quais os livros didáticos, mapas, filmes etc. Para analisar uma fonte documental é preciso se informar sobre o que diz o documento e como interpretar e compreender seu conteúdo (SCHMIDT; CAINELLI, 2004).

O uso de documentos em sala de aula pode contribuir para a ilustração dos temas trabalhados, reforçando o que foi falado pelo professor, que é uma fonte de informação, e assim induzirem o aluno ao conhecimento histórico, pois é o estudante que deve buscar todas as informações presentes no documento e reconhecê-lo como fonte de informação histórica. Em outros termos, os documentos podem ser usados como exemplos da realidade histórica, lembrando que devem ser selecionados de modo que provoque admiração e interesse que contribuam para construção do conhecimento no indivíduo. Ao estudá-lo como fonte de respostas para hipóteses ou problemas, um documento torna-se um instrumento que serve para responder as questões do aluno e também do professor.

De toda forma, discutir documentos em livro didático é um assunto sempre atual e importante, pois todos os livros precisam ser compreendidos desde o seu processo de produção até que chegue às mãos do “consumidor”; nesse caso, os alunos.

Há três aspectos que envolvem historicamente, sendo os contextos em que foram produzidos os livros, políticas editoriais, como leis de produção, mercado e preços, processo de compra e venda, que são as políticas governamentais de aquisição dos livros, a escola e o consumo, as maneiras como os livros chegam até a população (SCHMIDT; CAINELLI 2004, p.135).

Partindo deste princípio, percebe-se que as autoras assumem o livro didático como mercadoria e que o livro não pode ser entendido com produto abstrato ou neutro, longe de uma realidade histórica. A relação do professor com o livro didático gira em torno de sua concepção de educação, ensino e aprendizagem.

Segundo Janotti (2011), o uso das fontes tem uma história, pois os interesses dos pesquisadores variam de acordo com o tempo e isso tem relação com suas identidades culturais. Os primeiros relatos da vida humana foram grafitos em cavernas com materiais contundentes, com outros vestígios, fontes dos futuros pesquisadores após milênios.

Antropólogos e etnólogos levantaram hipótese de diferentes modos de vida, destacando aí a invenção da escrita que é responsável pela produção documental.

E para realizar uma pesquisa documental é preciso conhecer da melhor forma a história da “peça documental” que se tem em mãos, partindo de uma problemática, que são perguntas primárias para o desenvolvimento da pesquisa, pensar em qual período determinado documento foi produzido, qual objetivo, por quem, entre outros. É importante contextualizar o documento que se coleta para sua melhor compreensão. Nenhuma fonte documental é neutra, ela sempre carrega consigo a opinião da pessoa, do grupo, da instituição ou do órgão que a elaborou. O livro didático é organizado pensando em um determinado público, no contexto histórico, e os conteúdos ali postos tem uma intenção de quem escreveu e até mesmo da editora.

Baccelar (2011) esclarece que, ao se avaliar as possibilidades de uma fonte documental, é necessário perceber a qualidade das informações que ela pode ou não fornecer, de acordo com a problemática da pesquisa. Documentos, em sua essência original, não são elaborados visando futuras pesquisas; mas, sim, para atender a uma necessidade social, política e histórica. Somente tempos depois é que surgem os interesses por parte dos pesquisadores em compreender esses documentos. É neste sentido que a análise de fontes documentais é uma tendência de suma importância para os estudos históricos e educacionais, e por isso tende a crescer e se desenvolver cada vez mais.

LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: A COLEÇÃO HISTÓRIA *LIGADOS.COM*

No livro de História do 5º ano é perceptível nas primeiras páginas a representação de inúmeras imagens: o pau-brasil, cacau, cana de engenho, entre outros, demonstrando as riquezas do território brasileiro, cuja finalidade é abordar a chegada dos portugueses. Nessa perspectiva, será analisada uma unidade, que se nomeia “Viver no Brasil Colônia”.

O uso das fontes iconográficas na aprendizagem se destaca por permitir explorar as várias funções das imagens, tornando-as atraentes aos olhos do leitor. Há atividades de incentivos para que os alunos façam entrevistas com parentes e vizinhos, utilizando-se assim de documentos pessoais ou objetos da família. Nessa primeira unidade é visto a organização

gráfico-editorial – o uso de diversas cores vivas –, favorecendo mais tempo de atenção dos alunos e facilitando também a interação destes com o conteúdo abordado.

De acordo com a análise do *Guia do Livro didático de História*, o eixo do livro do quinto ano da coleção *História Ligados.Com é* o trajeto de cidadania no Brasil.

[...] os temas em torno da discussão da cidadania abordam a vida nos tempos coloniais, a formação da nação, o período republicano e a luta dos trabalhadores e trabalhadoras em que se conclui a trajetória pela questão atual dos direitos a crianças e adolescentes, idosos, afrodescendentes e indígenas, com importante destaque para considerações sobre o exercício da cidadania às pessoas com deficiências e acessibilidade urbana (BRASIL, 2016, p. 19).

E, ainda:

A coleção apresenta conteúdos e ações pedagógicas que procuram atender às exigências de um conjunto de leis criado para que o conhecimento histórico auxilie na construção de uma educação multicultural, antirracista e de promoção de cidadania (BRASIL, 2016, p. 20).

Isso é realizado, uma vez que a coleção trata a diversidade cultural, reconhecendo a contribuição de todos os povos e culturas para a formação da identidade nacional brasileira, bem como valorizar a imagem da mulher como participante ativa da história e destaca também as conquistas como os direitos das crianças, adolescentes e idosos e combate posturas sexistas discriminatórias (BRASIL, 2016).

O trabalho com imagens é enfatizado, sendo explicitados momentos e tratamentos específicos para a análise de quadros de pintores, cartazes de época e mapas (BRASIL, 2016), e isso favorece a interpretação e análise histórica e estimula atitudes investigativas no aluno, aspecto fundamental para o ensino de História.

As fontes iconográficas como fotos, gravuras, pinturas e esquemas estão em toda abertura de unidade que são exploradas historicamente por questões iniciais, introduzindo o aluno no conteúdo a ser desenvolvido, possibilitando a exploração das imagens como fontes históricas, como recursos analíticos sobre as temporalidades e não apenas como ilustrações dos textos. E o livro traz a técnica de leitura de imagens (BRASIL, 2016).

O livro analisado no presente trabalho aborda o período Colonial, Imperial e Republicano. É composto por oito unidades, sendo que cada **Unidade** possui *dois capítulos*, assim descritos:

1. **Viver no Brasil Colônia:** *O Brasil era de Portugal; A sociedade colonial;*
2. **A corrida do ouro:** *A economia do ouro no Brasil; Ouro: riqueza para poucos;*
3. **O Brasil independente: nasce uma nação:** *A família real portuguesa no Brasil; Brasil, uma nação;*
4. **O império do café:** *A cultura do café; Os negros conquistam direitos;*
5. **Brasil republicano:** *Proclamação da República; O Brasil no início da República;*
6. **O Brasil dos trabalhadores:** *A luta dos trabalhadores; Os trabalhadores conquistam direitos;*
7. **O Brasil se moderniza:** *Cidades e Indústrias; A conquista do sertão;*
8. **Cidadania, uma luta de todos:** *A luta de todos; Direito de ser igual e diferente.*

Delimitamos como objeto de análise nesta pesquisa a primeira unidade: **1.Viver no Brasil Colônia**. As duas primeiras páginas fazem a abertura, sendo composta por quatro imagens e três pequenos textos em *box* descrevendo as imagens, juntamente com três questões.

A primeira imagem é de um mapa histórico, servindo para auxiliar a compreensão dos alunos, na construção do conhecimento. Na Figura 1 se vê aves, índios com flechas, macacos, homens nus carregando toras do pau-brasil e outros com machado nas mãos. Nesse mapa está escrito *Terra Brasilis*, com a figura de um navio em direção ao ainda desconhecido Brasil, e há também um círculo ao redor do pau-brasil e, ao lado, uma imagem ampliada da árvore para que o leitor tenha a percepção e compreensão de qual plantas e trata.

Aqui pode haver um questionamento sobre o porquê de a imagem ser colocada em destaque. Sabemos que o pau-brasil foi uma das árvores existentes em abundância no Brasil e que, por sua coloração e demanda mercantil, despertou grandes interesses comerciais nos portugueses.



Figura 1 - A representação da extração de pau-brasil por indígenas no mapa *Terra Brasilis*, de Lopo Homem, 1519.Árvore do pau-brasil em São Paulo, 2012.

O pau-brasil foi a primeira riqueza explorada pelos colonizadores europeus no Brasil. Os indígenas que já habitavam as terras, faziam a maior parte do trabalho de cortar e empilhar as toras das arvores e em troca recebiam objetos como facas, machados e anzóis. A imagem da Figura 1 permite aos alunos perceberem que se trata da chegada dos portugueses ao Brasil e dos interesses que eles tiveram em suas riquezas naturais. No decorrer das imagens há relações entre elas; os textos também são continuação das imagens. Nessa unidade analisada se vê mais imagens do que textos, dando uma sensação de que quanto mais imagens melhor para trabalhar com o material em sala de aula.

Mas o professor ao pensar que quanto mais imagens e menos textos é melhor, pode estar cometendo um equívoco se não fazer pesquisas sobre esses documentos, afinal o livro didático não é o único recurso a ser usado e não é a verdade absoluta. O professor deve ser investigador, buscar por fontes seguras, para que os alunos construam um aprendizado claro e também crítico que saibam questionar o porquê dessas imagens, o que elas querem transmitir. Trabalhar com imagens é muito bom, desde que professor tenha propriedade do assunto, fazendo com que os alunos consigam relacionar os textos com as imagens.

Em seguida, se vê a fotografia de um cacau (Figura 2), que era conhecido no período colonial como “droga do sertão”. Há também um quadro (Figura 3), pintura em tela, retratando a moagem de cana no engenho.



Figura 2 - Droga do Sertão

Produtos como o cacau eram muito apreciados pela Europa. Ele é cultivado até hoje, principalmente na Amazônia, pela população nativa. Na fotografia detalhe do cacau, 2013.



Figura 3 - Moagem de cana no engenho

Esta imagem representa a moagem de cana no engenho de Benedito Calixto a partir de Hercule Florence, cerca de 1880, Óleo sobre tela. Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Brasil.

Até aqui foi apresentado imagens das riquezas do Brasil, as quais eram levadas para Portugal, onde os portugueses exploravam. Em seguida é apresentado o capítulo 1, denominado: *O Brasil era de Portugal*. Este capítulo possui 6 páginas e 5 seções: *O Brasil era de Portugal; A exploração do pau-brasil; As drogas do sertão; As capitânicas hereditárias; O governo-geral*, com 6 imagens ao total.

Neste capítulo há fontes escritas e textos informativos acerca de quando os Portugueses estavam no Brasil, com a imagem do globo mundo (Figura 4) representando as áreas controladas pelos portugueses no século XVI, cidades e vilas criadas no domínio

português e as principais rotas comerciais portuguesas. No fim do século XV e início do XVI, o governo Português havia conquistado um império marítimo e comercial, estabelecendo colônias e feitorias na Ásia, África e América.

O Brasil era parte americana desse império, e quando os portugueses chegaram, em 1500, buscavam por riquezas e recursos naturais que pudessem ser explorados para aumentar a renda da Coroa portuguesa e gerar lucros para os mercadores.



Figura 4 - Império colonial português. Fonte, Georges Duby. Atlas historiqueMondial. Paris, Larousse, 2006, p. 40.

O governo português dominava áreas na África, na Ásia, em ilhas do oceano atlântico e no continente americano. Esse domínio favoreceu relações comerciais e trocas culturais entre diferentes sociedades.

Na sequência, há um texto que trata da exploração do pau-brasil, ao lado da imagem de um quadro que se chama *Terra Brasilis*, Lopo Homem, (Figura 5). O pau-brasil era a principal riqueza extraída das terras brasileiras nos primeiros trinta anos da ocupação portuguesa, a frondosa árvore nativa da Mata Atlântica crescia no litoral brasileiro, desde o Rio Grande do Norte até o Rio de Janeiro. O pau-de-tinta, como denominavam os indígenas que habitavam no território, era muito valorizado na Europa.



Figura 5 - Detalhe do mapa Terra Brasilis, Lopo Homem, 1519.

A exploração do pau-brasil era feita pelos indígenas, que trocavam seu trabalho por objetos como facas, machados e anzóis, os indígenas faziam a parte mais pesada do trabalho, como cortar, empilhar e transportar as toras para os navios, a madeira era armazenada nas feitorias portuguesas, de onde era embarcada para a Europa. As drogas do sertão, outra riqueza também explorada pelos portugueses no período da colonização, são os produtos que não existiam na Europa, como cacau, canela, cravo, baunilha e guaraná. Esses produtos tinham bons preços na Europa e eram utilizados principalmente no preparo de remédios e como tempero de alimentos. Eram encontrados na região amazônica e extraídos nas missões jesuíticas que utilizavam a mão de obra indígena para esse trabalho (ALVES; OLIVEIRA; BORELLA, 2014, p. 11).

Após o texto exposto acima, cinco questões são apresentadas:

01. O Império Colonial Português começou a se formar no século XV. Que anos compreendem esse século?
02. Que riquezas os portugueses esperavam encontrar inicialmente no território brasileiro?
03. Responda no caderno: a) De acordo com o mapa da página 10, (Mundo-Império colonial português) que áreas pertenciam ao império português no período da colonização? b) O que o domínio português favoreceu?
04. Observe a imagem (Figura 6) converse com os colegas e responda no caderno:



Figura 6 - Descrição da minha primeira viagem de navio de Lisboa, Portugal, de Theodore de Bry, século XVI.

A Figura 6 é em metal, serviço histórico na marinha, França. Era pelo porto de Lisboa, capital de Portugal, que as mercadorias e especiarias trazidas do Oriente e das Colônias portuguesas entravam na Europa, esses produtos interessavam as pessoas de todo o mundo, que circulavam pela cidade em busca de bons negócios.

As perguntas dessa questão de número 4 compreende em: a) Que elementos da imagem indicam tratar-se de um porto? b) Por que os produtos entravam em Portugal pelo porto? c) Qual a relação entre o porto da imagem e os produtos explorados no Brasil nessa época?

05. Faça as atividades no caderno. a) Relacione cada imagem (Figura 7) ao nome da riqueza explorada no território brasileiro. b) Como eram chamados os produtos como o cacau, a canela e o guaraná? c) Atualmente esses produtos estão presentes na culinária brasileira?



Figura 7 - Guaraná, Cacau, Canela, Pau-brasil.

Esse exercício faz com que o aluno tenha em mente como são as drogas do sertão e até mesmo que ele se lembre de ter visto, experimentado esses produtos em casa em alguma receita preparada pela família. Além disso, abaixo desses exercícios, há a receita (Figura 8) de um bolo feito com canela. O mais interessante desse livro é que os exercícios pedem para os alunos fazerem análise documental das imagens, explorando ainda mais os recursos a serem utilizados em sala de aula. O exercício 6 é um dos que pede isso para os alunos. Trabalhar história é usar documentos, buscar sua fonte, analisar minuciosamente todos os detalhes de uma imagem, texto, entre outros.

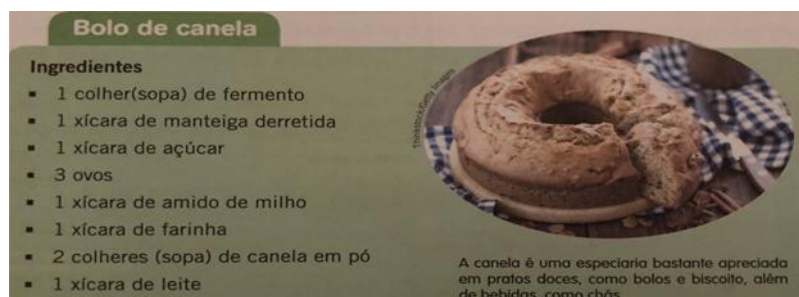


Figura 8 - Receita feita com canela.

Assim que o aluno visualiza essa receita, há uma pergunta na parte inferior da página: Pesquise e responda como esses produtos continuam utilizados e valorizados na atualidade?

É um exercício que permite ao aluno identificar o uso da canela em seu cotidiano, um condimento usado a anos, que despertou interesses nos portugueses e que é usado por todos até os dias atuais. É importante inserir o aluno no contexto, mostrar o concreto, para que ele se entenda como elemento do processo de aprendizagem.

Na página seguinte há um texto, *As Capitânicas Hereditárias* (ALVES; OLIVEIRA; BORELLA, 2014, p. 15)

As capitânicas hereditárias, após a conquista, o governo português tinha posse do território brasileiro que era uma colônia de Portugal, na época a principal função das colônias era produzir riquezas para a metrópole, Portugal. Contudo, o governo português não tinha recursos para explorar o território conquistado, além disso, o território era constantemente ameaçado por ataques de piratas e por interesses de outras nações como França e Holanda.

Diante da ameaça constante de invasão do Brasil por estrangeiros que queriam aventurar-se na exploração das riquezas do Brasil e não conheciam o Tratado de Tordesilhas, em 1534, o rei de Portugal decidiu dividir o território brasileiro em Capitânicas hereditárias. O território foi dividido em quinze (15) faixas horizontais (Figura 9). Cada donatário recebia sua capitania com a condição de explorar com seus próprios recursos, entre suas obrigações estavam defender a terra contra invasões estrangeiras, garantir o povoamento e organizar as atividades econômicas.

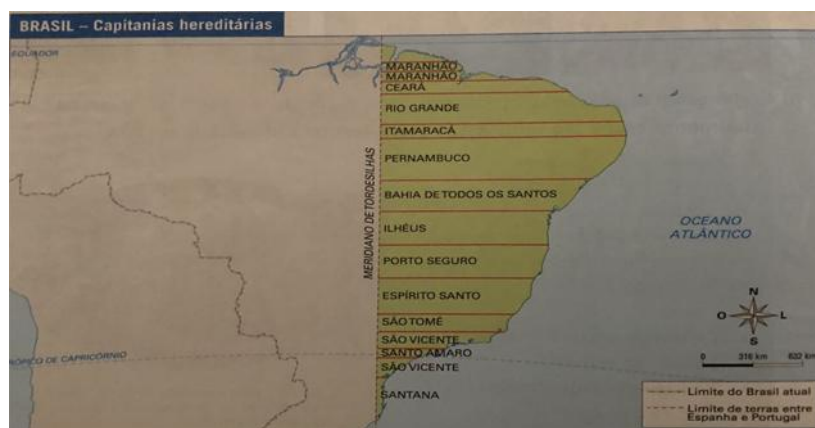


Figura 9 - Atlas histórico escolar. Rio de Janeiro, MEC, 1991. Manuel Mauricio de Albuquerque e outros.

Esse mapa está dividido com uma linha pontilhada. Do lado esquerdo do pontilhado todo cinza; do lado direito, colorido de verde com linhas separando nomes de cidades, de cima para baixo, Maranhão, Maranhão, Ceará, Rio Grande, Itamaracá, Pernambuco, Bahia de Todos Os Santos, Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, São Tomé, São Vicente, Santo Amaro, São Vicente, Santana.

Para nortear o aluno, na nota de rodapé é descrito que as capitanias hereditárias foram o primeiro sistema de ocupação e exploração do território do Brasil. No entanto houve donatários que jamais estiveram no Brasil, outros poucos se interessavam por suas propriedades e somente as capitanias de São Vicente, ao Sul, e de Pernambuco, ao norte se desenvolveram.

Com o fracasso do sistema de capitanias hereditárias, o governo português encontrou outra solução para garantir o controle e a defesa do território. Os portugueses estabeleceram, então, o governo-geral, sendo o primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa, que chegou em 1549. Ele era encarregado de defender a costa e o interior do território contra invasores, garantir o cumprimento da lei, dar posse legal aos colonos e organizar a administração da Colônia. Para isso ele fundou a cidade de Salvador, primeira capital do Brasil. E, ainda, com a comitiva de Tomé de Sousa, vieram os jesuítas, padres missionários que tinham a missão de catequizar os indígenas, ou seja, convertê-los a fé católica. Uma das funções da religião era facilitar a submissão da população nativa à administração portuguesa.

E após esse texto, há seis atividades para o aluno responder no caderno.

- 1) Por que o Brasil era um território ameaçado por invasões estrangeiras?
- 2) Qual foi o sistema de administração estabelecido para a Colônia Brasil?
- 3) Por que o governo português dividiu o Brasil em Capitanias?
- 4) A quem pertencia uma capitania hereditária? E qual era sua função?
- 5) Compare o mapa das capitanias hereditárias com um mapa atual do Brasil.

Converse com os colegas, o território onde fica atualmente o estado em que você mora fazia parte de alguma capitania? Qual delas?

6) Diante o fracasso do sistema de capitanias, foi estabelecido um novo sistema, o governo-geral. Copie somente as medidas que o primeiro governador-geral Tomé de Sousa deveria tomar. Cuidar da defesa da costa e do interior do território. Avançar nas terras que pertenciam a Espanha. Permitir o não cumprimento da lei. Garantir o cumprimento da lei. Organizar engenhos de açúcar. Organizar a administração da Colônia. Proibir o comércio de especiarias. Assentar colonos.

Essa atividade é muito interessante para o ensino de história, pois ela faz relação com o passado e presente, e ainda leva o aluno a analisar a imagem.

O capítulo dois (02), denominado: *A sociedade colonial*. Possui 12 páginas e 6 seções: *Caçada aos “negros da terra”*; *Cana-de-açúcar e escravidão dos negros africanos*; *A mulher no período colonial*; *Uma sociedade de escravos; homens livres e senhores, Gente que faz!* *Rede de Ideias Amazônia e suas riquezas*, com 11 imagens ao total.

Neste capítulo, *A sociedade Colonial*, abaixo do título há uma caixa de texto, converse com os colegas: Como vocês imaginam a divisão da sociedade no período do Brasil colonial? Os direitos e deveres eram iguais para todos? Que funções desempenhavam as mulheres?

Depois de *Caçada aos “negros da terra”* a parceria entre indígenas e colonos não durou muito, naquela época, os indígenas eram chamados de “negros da terra”, os colonos da capitania de São Vicente necessitavam de mão de obra para os trabalhos em suas propriedades (Figura 10). Para isso começaram a escravizar os indígenas, que eram aprisionados pelos bandeirantes que rumavam sertão adentro em busca de metais preciosos e especiarias, mas uma de suas atividades mais lucrativa era aprisionar indígenas.



Figura 10 - soldados índios de Curitiba levando selvagens cativos. Litografia de Thierry Freres a partir de desenho de Jean-Baptiste Debret, 1834.

Na página 17, há um pequeno texto, cujo título: *Cana-de-açúcar*, no qual diz que entre os séculos XVI e XVII, nas capitanias de Pernambuco e Bahia se desenvolveu a cultura da cana-de-açúcar: os donatários buscavam recursos para construir os engenhos e produzir o açúcar, que depois seria exportado para a Europa (Figura 11). Vinham da Europa as mudas de cana-de-açúcar, a maior parte dos equipamentos necessários a produção e muitos dos produtos utilizados no cotidiano. Também chegavam os escravos trazidos pelos navios negreiros

vindos da África, pois os engenhos de açúcar dependiam do trabalho dos africanos escravizados, responsável por quase todas as fases do processo de produção do açúcar.

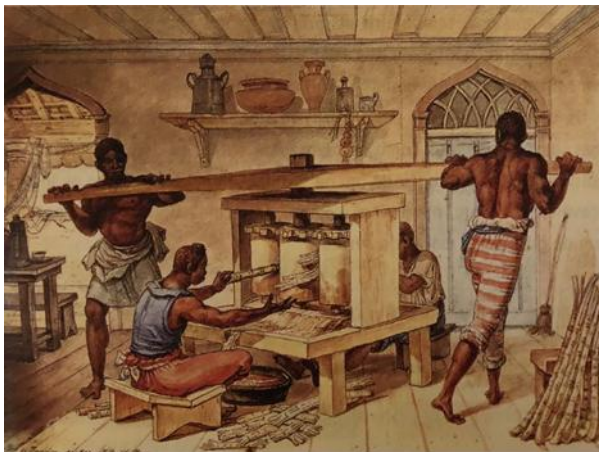


Figura 11 - Engenho manual que faz caldo de cana, de Jean-Baptiste Debret, 1822. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro, Brasil.

Um engenho em pleno funcionamento precisava em média de oitenta (80) trabalhadores. Segundo dados apresentados neste livro, os maiores engenhos chegaram a ter duzentos (200) escravos trabalhando. Após o texto, são exigidas três (03) atividades:

- 1) Converse com os colegas, por que os indígenas eram chamados “negros da terra”?
- 2) Observe a imagem acima e responda no caderno: a) Que produto está sendo processado na moenda? b) Que tipo de mão de obra é utilizada nesse trabalho?
- 3) Leia o texto e faça as atividades no caderno.

a) Copie a definição e escreva a palavra que corresponde a ela: *Sertão, Entrada, Colonos, Bandeirantes, Soldados.*

-Expedição organizada pelo governo para aprisionar indígenas e buscar metais e pedras preciosas.

-Corresponde a região interior de um território.

-Participantes de expedições particulares no período colonial que partiam em busca de indígenas e riquezas.

b) Qual a intenção de homens como Dom Miguel ao aprisionar os indígenas?

c) Que tipo de trabalho era feito pelos indígenas capturados?

Em seguida um pequeno texto: *A mulher no período colonial.*

No período colonial, a mulher era vista como propriedade do homem, a ela cabia basicamente os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos. As mulheres que tinham oportunidade de aprender prestavam serviços de interesse dos homens, como lidar com o comércio e ensinar os filhos dos senhores. Mulheres negras e mulatas, escravas ou forras (livres) assumiam outras funções (Figura 12). Era comum no cotidiano das vilas e cidades coloniais a presença de mulheres no pequeno comércio como, vendeiras, quituteiras e vendedoras ambulantes. A forte presença feminina no comércio de gêneros alimentícios refletia na influência de duas tradições, a africana e a portuguesa. Lá como aqui, cabia as mulheres a tarefa de comercializar e distribuir produtos essenciais no cotidiano da população como, doces, frutas, hortaliças, queijos e outros (ALVES; OLIVEIRA; BORELLA, 2014, p. 19)



Figura 12- Negras vendedoras de rua, de Carlos Julião, século XVII. Aquarela. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil.

O comércio de alimentos comandado pelas mulheres aqui chamadas de “negras de tabuleiro” era vital para abastecer a região das Minas nas vilas e cidades coloniais. Após um (01) exercício, Leia o texto sobre as mulheres no período colonial.

- a) No processo de colonização, o que se pretendia com a vinda de mulheres europeias para o Brasil?
- b) Analisando o contexto atual, o papel da mulher na sociedade brasileira mudou em comparação ao período colonial? Explique.

Uma sociedade de escravos, homens livres e senhores, a colonização do Brasil foi marcada pelo conflito entre os interesses dos indígenas e dos colonos europeus que passaram a ocupar o território. No período colonial, a expansão das plantações levou a expulsão dos indígenas de suas terras e a sua utilização como mão de obra escrava, assim como a dos negros trazidos da África. A sociedade brasileira estava dividida entre escravos, homens livres e senhores de terra (Figura 13). Os escravos, fossem indígenas ou africanos, eram considerados instrumentos de trabalho e mercadorias que podiam ser vendidos ou trocados. Já os homens livres (roceiros, artesões, pequenos comerciantes) eram, em sua maioria mestiços e de baixa renda.

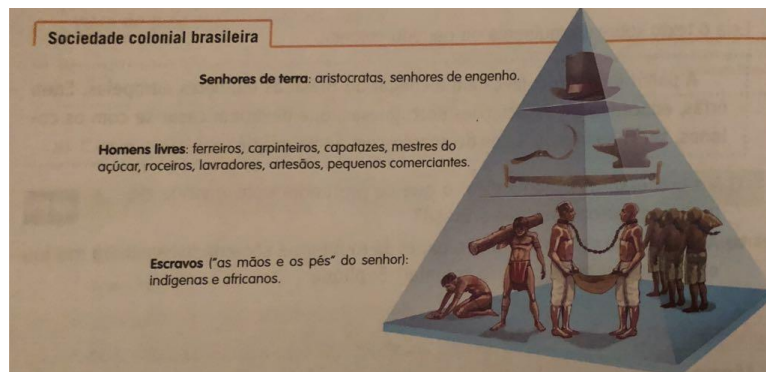


Figura 13 – Sociedade Colonial Brasileira

Era uma sociedade dividida de modo muito diferente do que estamos acostumados nos dias de hoje, a maior parte da população colonial, composta de escravos (indígenas ou africanos) e mestiços, era marginalizada e excluída de participação nas instituições administrativas ou religiosas da colônia. Após, três (03) exercícios.

1. Observe a pirâmide social e responda no caderno. a) Quem está no topo da pirâmide? b) Quem compunha a maior parcela da sociedade colonial?
2. Observe a pintura e faça as atividades no caderno (Figura 14):



Figura 14 – Instituição da Câmara Municipal de São Paulo, de Antônio Parreiras, 1913.

- a) Quem participava efetivamente da cerimônia? b) Qual a posição dos indígenas na imagem? c) Quem poderia candidatar a cargos na Câmara Municipal no período colonial? d) Na sua opinião, o que sugerem a postura e a posição da mulher na cena?
3. Leia o texto e depois um artigo da constituição Brasileira em vigor atualmente.

a) Encontre e copie do texto a frase que explica esse artigo de lei. b) Converse com os colegas e defenda sua opinião. E justo que todos os brasileiros tenham os mesmos direitos e deveres?

Gente que faz! Direito indígena: a luta pelas terras. O Brasil é um país multicultural, que há diferentes culturas que se relacionam. Essa convivência beneficia a todos quando resulta em trocas de saberes e respeito as diferenças no jeito de ser, pensar e de agir de cada povo (Figura 15 e 16). Os povos indígenas do Brasil conquistaram o direito de manter e defender o seu modo de vida, suas crenças, tradições e costumes.



Figura 15 - Professor e alunos na escola da aldeia Kuikura, em Gaúcha do Norte, Mato Grosso, 2012.



Figura 16 - Indígenas em frente ao Congresso Nacional, Brasília, protestando sobre a demarcação de reservas indígenas, 2013.

Logo, quatro (04) exercícios permitindo a fixação, ou seja, os alunos estudam e por meio dos exercícios registram o que foi visto, são atividades diversas, sendo:

1. Por que podemos dizer que o Brasil é um país multicultural? De Exemplos.
2. Converse com os colegas e responda no caderno: a) Qual o principal direito garantido aos indígenas pela Constituição brasileira de 1988? O que representa a garantia desse direito? b) De que forma os indígenas podem lutar por seus direitos?
3. Observe o mapa (Figura 17) e responda no caderno.



Figura 17- Fonte, situação legal das terras indígenas no Brasil. IBGE. Atlas geográfico escolar. Rio de Janeiro. IBGE, 2009.

a) Em que estados brasileiros estão localizadas a maior parte das terras indígenas reconhecidas pelo governo? b) A qual ou quais regiões do Brasil pertencem esses estados? c) Sabendo que no período colonial os portugueses concentraram as atividades de colonização basicamente no litoral, proponham uma hipótese para explicar por que a maioria das terras indígenas está situada no interior.

4. Pesquisem sobre as terras indígenas no estado ou na região em que vivem e registrem em um cartaz, onde estão localizadas, as etnias indígenas presentes nelas, ações que garantem o direito desses indígenas a terra.

Na página seguinte: Faça as atividades no caderno de um (01) ao sete (07).

1. Copie somente as afirmativas verdadeiras.

-Na época da chegada dos europeus ao continente americano, os portugueses construíram um enorme império marítimo.

-No início da exploração do Novo Mundo, os portugueses interessaram – se pelo pau-brasil e pelas drogas do sertão, mercadorias valorizadas na Europa.

-Piratas, franceses e outros europeus invadiam constantemente o território brasileiro para traficar ouro e prata encontrados na costa brasileira.

- O tratado de Tordesilhas garantia aos portugueses a posse do território brasileiro conquistado por eles em 1500.

2. Como eram chamados os produtos explorados no Brasil que correspondiam as especiarias do Oriente? De exemplos.

3. Portugal era a metrópole e o Brasil, sua colônia. Sabendo disso, copie e numere as definições de acordo com a legenda. 1.Metrópole 2. Colônia

-Estado que se apossa e explora uma região fora de seus limites geográficos.

-Região fora dos limites geográficos de um Estado, conquistada, administrada e explorada por ele.

No exercício quatro (04) Leia o texto.

Apesar de as sociedades indígenas viverem no território Brasileiro há muito tempo, os portugueses decidiram ocupar a terra e organizar um novo sistema de administração do Brasil, as Capitânicas hereditárias.

a) Essa afirmativa é verdadeira? Justifique. b) Quais as obrigações determinadas para donatários? c) Qual a medida tomada pelo governo português em função do fracasso desse sistema de administração do território?

E no cinco (05) observe esta imagem (Figura 18):



Figura 18 - Vista panorâmica da cidade de Salvador, aquarela de Eduard Hildebrandt, 1844. Museu Nacional de Berlim, Alemanha.

a) A cidade representada na imagem foi a primeira capital do Brasil. Que cidade é essa? b) Tomé de Sousa, primeiro governador-geral e fundador dessa cidade, deveria cumprir no Brasil várias determinações do governo português. Escreva quais eram elas.

6. Escreva uma frase, usando algumas palavras abaixo, para explicar quem eram os *Jesuítas*. *Padres*. *Catequizar*. *Engenho*. *Missão*.

7. Copie e complete o esquema usando as palavras indicadas. *Senhores de engenho*. *Artesões*. *Africanos*. *Indígenas*. *Escravos*.

Rede de ideias, Amazônia e suas riquezas, esse é o título do texto que está na página vinte e seis (26). A Amazônia, maior região florestal e bacia hidrográfica do mundo, cobre cerca de 49% do território brasileiro. A riqueza de sua fauna e de sua flora desperta atenção desde o século XVII, quando a exploração das drogas do sertão, especiarias da região, tornou-se intensa. A exploração durou um longo período em razão dos interesses econômicos. Abaixo, imagem da árvore e da semente de Andiroba, (Figura 19) e, ao lado, caixa de texto explicando o que é a Andiroba.

É um texto pequeno, abordando assunto da atualidade. Até então, os conteúdos anteriores foram de fatos já ocorridos há anos, mas eles se relacionam, pois esse trata da Amazônia, ambiente que possui mais riquezas naturais, como plantas, aves, entre outros, com imagens coloridas, atraindo a atenção do aluno

Figura 19, com a presença de um mapa colorido de cinza, na região Amazônica com figuras de árvores, com a fotografia de uma árvore, Mogno e outra fotografia com Mogno cortados e empilhados, com caixa de texto explicando as características do Mogno, para que serve essa madeira, e quando se deu a exploração.



Figura 19 - Descrições: semente de andiroba e mogno.

Atualmente, há um conjunto de ações que ainda causam a perda da diversidade e afetam a vida das populações locais. São elas, desmatamento, queimadas, conversão de terras para agricultura e pecuária, biopirataria, além de obras viárias e outras de grande porte, como no caso das hidrelétricas. Veja algumas espécies da flora e da fauna amazônica (Figura 20) ameaçadas de extinção.



Figura 20 - Árvore e sementes da Castanheira-do-pará; Sauim-de-manaus; Arara-azul, com textos explicativos.

Atividades:

1. Converse com os colegas, o que significa que determinada espécie corre o risco de extinção?
2. Copie e complete o quadro no caderno com as informações das fichas. *Espécie. Flora e Fauna. Causa do risco de extinção.*

Foi apresentada, no presente trabalho, apenas uma unidade e seu respectivo capítulo, pois, entende-se, que através dessa análise é possível identificar como as demais páginas se estruturam. Assim, entende-se que o livro em foco, da Coleção *Ligados.com* destinada ao 5º ano, tem uma função pedagógica e prática em sala de aula, pois, ao explorar suas imagens e, a partir delas, buscar mais informações em outras fontes, faz com que tanto os alunos quanto o próprio professor pesquisem, investiguem contextos, fatos e informações a respeito. E tal atitude tende a despertar o lado investigador fazendo com que todos tenham desta forma, o “espírito investigativo” que o historiador possui. O presente não existiria sem o passado, a história é de extrema importância e precisa ser vista com mais atenção, e se isso for efetivado

nos anos iniciais, teremos mais pessoas que se prendem em buscar pelo passado, considerando todo seu valor.

Infere-se, portanto, que os livros didáticos são instrumentos utilizados pelos professores de todos os níveis de ensino da educação básica. Eles como ferramenta auxiliar, podem facilitar a maneira como determinados conteúdos são transmitidos, permitindo uma metodologia mais clara e também ilustrativa. No entanto, é preciso que suas temáticas sejam abordadas de uma forma nítida e eficaz, isto é, correta, para que os alunos tenham não apenas o acesso ao conteúdo, mas tenham também interesse e motivação no processo de aprendizagem.

É notório que alguns livros de história trazem alguns equívocos ou lacunas ao abordar certos fatos históricos. Nessa perspectiva, percebe-se que a obra analisada deixa algumas lacunas que se tornam o seu ponto negativo. Um claro exemplo é o de não apresentar, mesmo que implicitamente, a real conduta dos portugueses quando aqui chegaram, romantizando o fato de o Brasil ser descoberto e, por isso, não demonstrando que os índios já eram os verdadeiros habitantes, tinham os seus hábitos e sua cultura, que foram desrespeitados. Esse é um ponto interessante que poderia ser melhor abordado e trabalhado pelos professores, isto é, no sentido de dar também ênfase à importância dos índios para a formação da sociedade brasileira, fazendo com que os alunos entendessem tais fatos e suas reais condições históricas e, assim, conectá-los com as relações sociais cotidianas.

Em síntese, e para concluir tendo como fundamentação teórica o que fora aprendido no decorrer desta pesquisa, é importante enfatizar que os livros didáticos utilizam, ainda, quase que exclusivamente o presente do indicativo para veicular o seu conteúdo e seus temas, apresentando-os, desse modo, como verdades que, uma vez estabelecidas, deverão ser sempre aceitas como verdades, e não vistas também como fatos históricos e sociais a partir de interesses políticos e mercantis. Em outras palavras, “O livro didático é parte do arsenal de instrumentos que compõem a instituição escolar, parte esta, por sua vez da política educacional, que se insere no contexto histórico social” (OLIVEIRA, 1984, p. 24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi compreender as fontes documentais existentes no livro didático de História do 5º ano da *Coleção Ligados.com*. Procurou-se alcançar tal objetivo utilizando uma metodologia de caráter qualitativo e de natureza analítico-descritiva a partir de bibliografias relacionadas ao tema proposto e que, nesse sentido, pudessem fomentar resultados satisfatórios para serem apresentados na exposição deste texto. Assim, ao utilizar o livro didático como fonte para investigação, a proposta central deste projeto buscou compreender de que maneira determinados temas são apresentadas, assim como o contexto histórico e o ambiente de produção em que se vinculam, as ideologias e concepções que permeiam seus discursos e também o direcionamento do livro e sua utilização.

Percebeu-se, mesmo que ainda de maneira concisa e superficial, a forma com que o livro didático aborda determinadas temáticas, sendo estas as influências diretas no processo de aprendizagem dos alunos. Logo, ao escolher o livro didático como fonte fundamental de pesquisa, buscou-se compreendê-lo não apenas como mero material informativo, mas também como um objeto cultural, desenvolvido a partir de diferentes interesses e vínculos institucionais, caracterizando relações de poder e saber, isto é, disputas políticas relacionadas à transmissão de saberes ainda nas fases iniciais de aprendizagem.

Por fim, esta pesquisa, ainda de certa forma sucinta, tem um caráter introdutório, cuja intenção centrou-se muito mais em abrir perspectivas para novas indagações e futuras investigações. Isso significa dizer que o texto aqui apresentado não tem o desejo de nessas poucas linhas encerrar a pesquisa, a discussão e o desenvolvimento do assunto. E, por assim ser, espera-se que sua leitura possa suscitar questionamentos e, conseqüentemente, novas discussões e abordagens a respeito das fontes documentais existentes nos livros didáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Letícia, Fagundes de; BORELLA, Regina Nogueira. **Ligados.com História**, 5º ano. 1º Edição. São Paulo. Editora Saraiva, 2014. p.1-27.

ARAÚJO NETO, Miguel Leocádio. **Sobre a materialidade dos livros e seus sentidos**. Ver. de Letras - Nº 28 - Vol. 1/2 - jan/dez.2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1990)**. São Paulo, V.30, n.3, p.475-491.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Práticas de leitura em livro didático**. Texto extraído e adaptado da pesquisa “Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar”. Tese de doutorado em História Social da F.F.L.H USP,1993.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria da Educação Fundamental: Brasília, 1997.

BRASIL. **Guia de livros didáticos: PNLD 2016: História: ensino fundamental anos iniciais**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2015. 236 p. Disponível em: file:///C:/Users/Agelica/Downloads/pnld_2016_historia.pdf. Acesso feito no dia 16 de setembro de 2017.

COSTA, Andrea. **Técnicas de coleta de dados e instrumentos de pesquisa**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – RN. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/andracosta/desenvolvimento-de-pesquisa/tecnicas-de-coletas>. Acesso em 12 de Setembro de 2017.

FRISON, MarliDallagnolet *al*, 2009. Livro Didático como instrumento de apoio para construção de propostas de ensino de ciências naturais. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Florianópolis**. 08 de Novembro de 2009. Disponível em: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viienepec/pdfs/425.pdf>. Acesso feito no dia 12 de setembro de 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNAKATA, Kazumi. **O livro didático: alguns temas de pesquisa**. Rev. bras. hist. educ., Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30). 2012 p. 179-197.

MUNAKATA, Kazumi. **Investigações acerca dos livros escolares no Brasil: das ideias a materialidade**. Publicado em CD-ROM: Colegio de San Luis.2003. Disponível em: http://www.academia.edu/10909984/Investiga%C3%A7%C3%B5es_acerca_dos_livros_escolares_no_Brasil_das_id%C3%A9ias_%C3%A0_materialidade.

MUNAKATA, Kazumi. **Livro didático como indício da cultura escolar**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/624037>

PCN HISTÓRIA 1998. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf. Acesso feito no dia 13 de outubro de 2018.

OLIVEIRA, João Batista Araújo, & GUIMARÃES, Sônia Dantas Pinto & BOMENY, Helena Maria Bousquet. “**O Livro Didático e suas Funções**”, “**A Produção do Livro Didático no Estado Novo**”. In *A Política do Livro Didático*. 2ª Ed. 1984. pp. 11 a 17 e 69 a 82.

PINSKY, Carla Bassanezi; BACELLAR, Carlos; GRESPAN, Jorge; NAPOLITANO, Marcos; JANOTTI, Maria de Lurdes; FUNARI, Pedro Paulo; LUCA, Tania Regina de; BORGES, Vavy Pacheco; ALBERTI, Verena. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011.

PRADO. Eliane Mimesse. **A importância das fontes documentais para a pesquisa em História da Educação**. Inter Meio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.16, n.31, p.124-133, jan./jun.2010. Acesso feito no dia 21 de Novembro de 2017.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. As fontes históricas e o ensino da História. In: **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004. – (Pensamento e ação no magistério).

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. O livro didático e o ensino da História. In: **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004. – (Pensamento e ação no magistério).

Artigo recebido em jan.2022. Aprovado em mar.2022.